

Guerra em Gaza

Blinken chega ao Oriente Médio para evitar que conflito envolva o Líbano

___ Ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, alerta os americanos de que é cada vez mais curto o tempo para impedir uma guerra com o Hezbollah, grupo xiita libanês

ISTAMBUL

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, chegou ontem à Turquia, primeira parada de sua quarta viagem pelo Oriente Médio desde o início da guerra entre Israel e Hamas, há três meses. Desta vez, a prioridade da diplomacia americana é evitar que o conflito envolva o Líbano. O ministro israelense da Defesa, Yoav Gallant, avisou ontem que é cada vez mais curto o tempo para impedir um conflito com o Hezbollah, grupo xiita libanês.

Blinken se reúne hoje com o chanceler turco, Hakan Fidan, e com o presidente, Recep Tayyip Erdogan, em Istambul. Em seguida, ele voa para a Grécia. O americano chega a Israel na segunda-feira. De acordo com o Departamento de Estado, a prioridade é conseguir um compromisso de aliados para que usem sua influência para dissuadir qualquer escalado comfilto. Na quinta-feira, o porta-voz Matthew Miller afirmou haver um "risco real" e uma "preocupação grande" com essa possibilidade.

PRESSÃO. Bliken desembarcará pressionado em Israel. Em reunião com Amos Hochstein, conselheiro do presidente dos EUA, Joe Biden, Gallant afirmou que prefere uma saída negociada com o Líbano, mas disse que a chance disso era cada vez menor. "Estamos numa encruzilhada", disse Gallant ao enviado
americano, segundo uma declaração tornada pública pelo
Ministério da Defesa de Israel.
"Preferimos um acordo diplomático, mas o prazo para alcançá-lo é curto." Desde os ataques do Hamas, em 7 de outubro, o Exército israelense troca fogo com o Hezbollah na
fronteira.

A situação se agravou esta semana, com o assassinato de Saleh al-Arouri, um dos mais altos líderes do Hamas, em um ataque israelense nos subúrbios de Beirute. O Hezbollah prometeu retaliar. O líder do grupo xiita, Hassan Nasrallah, disse ontem que uma resposta é "inevitável" e o norte de Israel seria o primeiro local "a pagar um preço" pela morte de Arouri.

FOGO CRUZADO. Ontem, oito foguetes foram disparados do Líbano contra Israel. Em seguida, o Exército israelense disse ter atacado o "centro de comando" do grupo xiita na cidade libanesa de Blida. Tanques e peças de artilharia também bombardearam áreas ao longo da fronteira para impedir ataques do Hezbollah.

Pelo menos 70 mil israelenses que viviam perto da fronteira norte foram retirados de suas casas após os ataques de 7 de outubro, transformando a área em uma zona militar. Vários batalhões do Exército de Israel ocuparam posições es-



Blinken em Istambul: corrida para evitar expansão da guerra

tratégicas na região.

Moradores que permaneceram no norte de Israel disseram ter visto as forças especiais do Hezbollah se mobilizando ao longo da fronteira e

Tambores de guerra Moradores do norte de Israel relataram mobilização de forças do Hezbollah na fronteira

estabelecendo postos de vigilância em estruturas supostamente construídas para proteção ambiental.

Embora não seja uma zona de guerra declarada, mais de 120 combatentes do Hezbollah e pelo menos 20 civis libaneses, incluindo 3 jornalistas, foram mortos no Líbano, enquanto 12 soldados e 5 civis morreram do lado israelense.

OBSTÁCULOS. A possibilidade de um conflito, além de aumentar a pressão dos EUA, coloca o premiê de Israel, Binyamin Netanyahu, em uma posição incômoda com os moradores do norte do país. "Nossos cidadãos voltarão para suas casas, no norte e no sul", disse o primeiro-ministro, na quinta-feira. "Para isso, aplicaremos a máxima potência com a máxima precisão em todos os lugares que forem necessários."

Mas muitos ao longo da fronteira norte perderam a confiança em Netanyahu, que durante anos disse aos israelenses que o Hamas estava contido em Gaza. Autoridades israelenses agorajá cogitam a ideia de estabelecer uma zona-tampão semelhante à que existia quando Israel ocupou o sul do Líbano, de 1985 a 2000, que se estenderia por 4 km dentro do território libanês.

DIVISÕES INTERNAS. Mas a posição de Netanyahu parece cada vez mais fragilizada, especialmente dentro do gabinete
de guerra. Ontem, Benny
Gantz, um dos principais líderes da oposição, que havia concordado em participar de um
governo de emergência ao lado do premiê, disse que Netanyahu precisa escolher "entre a política e a união" do país.

O alerta de Gantz ocorreu após ele culpar Netanyahu por permitir que ministros de extrema direita atacassem repetidamente o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Herzi Halevi, durante uma reunião do gabinete de segurança na quinta-feira.

"O gabinete deveria discutir os processos estratégicos que afetarão a continuação da guer-ra e nossa segurança no futuro. Isso não aconteceu, e o primeiro-ministro é responsável por isso", disse Gantz, em mensagem de vídeo. "Agora, é responsabilidade dele consertar o erro e escolher entre unidade e segurança ou a política." •

Cerco à oposição

Ditador de Belarus assina lei que lhe dá imunidade vitalícia

MINSK

.....

O ditador de Belarus, Alexander Lukashenko, assinou uma novalei que lhe concede imunidade vitalícia contra processos criminais e impede líderes da oposição que vivem no exilio de concorrerem em futuras eleições presidenciais. A medida tem como objetivo reforçar

ainda mais o poder de Lukashenko e eliminar possíveis rivais nas próximas eleições, previstas para 2025.

A nova lei aumenta significativamente os requisitos para candidatos, tornando impossível a candidatura de líderes da oposição que fugiram para países vizinhos nos últimos anos. Apenas cidadãos belarussos com residência permanente por pelo menos 20 anos são ele-

DITADURA. A nova lei ainda concede imunidade a Lukashenko por suas ações durante o exercício de suas funções presidenciais e oferece proteção vitalícia, cuidados médicos, seguro de vida e saúde a ele e sua família.

Lukashenko está no poder

desde 1994. Ele já foi reeleito cinco vezes, sempre com cerce de 80% dos votos. Aliado de primeira hora do presidente russo, Vladimir Putin, é chamado por muitos de o "último ditador da Europa".

Ex-diretor de um sovkhoz, uma fazenda coletiva do período soviético, nos anos 80, ele foi um dos líderes mundiais mais desconectados da ciência durante a pandemia. No auge das contaminações em Belarus, ele sugeriu à população lavar as mãos com vodea e tomar de 40 a 50 millitros da bebida para matar o vírus.

Em 2020, Lukashenko foi reeleito em meio a inúmeras denúncias de fraude. O resultado provocou um onda de protestos que foram brutalmente reprimidos pelo regime. Mais de 35 mil pessoas foram presas, muitas foram torturadas ou tiveram de deixar o país – incluindo a líder da oposição, Svetlana Tikhanovskaya, que fugiu para a Lituânia.

MEDO. Ontem, Tikhanovskaya afirmou que a nova lei é uma resposta ao "medo de um futuro inevitável" de Lukashenko. Ela enfatizou que o ditador será responsabilizado perante a lei internacional, independentemente da imunidade, e destacou a busca por justiça para os presos políticos e desaparecidos. • • Ap

